

nas de fé nas horas tristes dos agoiros e das sombras! «Para ti, oh! Patria, devemos sempre sorrir, porque vives a espargir flores e luzes para maior refulgência do nosso berço e do nosso céu! (Muito bem).

Saiba sempre o nosso patriotismo estreitar os corações brasileiros num amplexo de concordia fraterna, afim de que para nós o Brasil seja um só, sem quebra do nosso amor por elle nos diversos angulos da patria; e os nossos votos finaes sejam para que tanto ao norte como ao sul, tanto a léste como a oéste, tanto no littoral quando no mais remoto sertão interior, sintamos ad semper palpitar um unico Brasil, mas um Brasil potente pelo trabalho e pela energia varonil dos seus filhos, com a equanima direcção necessaria e o auxilio indispensavel dos poderes publicos. (Apoiados).

Srs. Deputados: é preciso que nos esqueçamos, às vezes, um pouco das torturas da vida politica mal comprehendida e peor julgada, em nossa época e no meio em que vivemos.

Por isso eu vos digo: sursum corda! levantemos os corações e alegremos a alma, toda vez que tivermos ensejo de aqui analysarmos e expormos as medidas e as necessidades mais prementes de cada pedaço do Brasil, pedindo aos órgãos dirigentes da Nação que procurem administral-o, sempre inspirados por uma politica larga e liberal, promovendo o fomento economico e o aproveitamento da terra e de suas riquezas, pela educação civica e profissional, pelo preparo tecnico de nossa gente, afim de que o nosso paiz realize, em breve, os ideaes que o esperam no concerto dos povos cultos.

(Muito bem; muito bem. O orador é vivamente cumprimentado e abraçado).

AFFONSO ARINOS

Por sua alta significação historica, literaria e social, -transcreve-se, em seguida, a noticia dada pelo *Minas Geraes*, orgam official dos poderes do Estado, a respeito da inauguração do monumento erguido á memoria de Affonso Arinos, — cerimonia esta realizada, em Bello Horizonte, a 2 de agosto de 1929.

Da Direcção

Affonso Arinos

Foi hontem inaugurado, na Praça da Republica, o monumento do grande escriptor mineiro

A cerimonia de alta expressão civica, que hontem se realizou às 16 horas e meia, na praça da Republica, para inaugurar, no jardim daquelle bello recanto da Capital, o monumento de Affonso Arinos de Mello Franco, foi bem uma festa de intelligencia e da cultura mineira, rara pelo brilho que a revestiu, intensamente, na calorosa e eloquente demonstração de respeito e reconhecimento à memoria do grande espirito que, pela licção profunda de sua vida, exemplo unico de harmonia humana, entrou no coração dos homens, levado pelo amor à verdade da arte e da belleza.

Participando da imponente solemnidade, viam-se na praça da Republica, áquella hora repleta de povo, as figuras de mais accentuado relevo no mundo intellectual de Bello Horizonte, entre as quaes se encontravam os membros da Academia Mineira de Letras, directores e professores de todos os nossos estabelecimentos de ensino, corpo discente dos centros universitarios, advogados, medicos, engenheiros, jornalistas e crescido numero de familias.

Vindos do Rio de Janeiro, expressamente para assistir á cerimonia, alli se encontravam tambem o deputado Afranio de Mello Franco e seus filhos dr. Caio de Mello Franco, dr. Affonso Arinos Sobrinho e senhora; d. Sylvia Amelia de Mello Franco, esposa do dr. Mucio de Senha, senhorinhas Maria do Carmo e Anna de Mello Franco, bem como os srs. academico João de Mello Franco e dr. Marcio de Mello Franco Alves, todos pertencentes á familia do inolvidavel escriptor mineiro, deixando de comparecer a exma. viuva, residente em São Paulo, por motivo de molestia.

Pauco antes de 16 horas e meia, chegou ao local o sr. presidente Antonio Carlos, em companhia de seu assistente militar, commandante Oscar Paschoal, levando s. ex., no seu carro, o dr. Christiano Ma-

chado, prefeito da Capital, que, em nome da municipalidade e do Estado, ia fazer entrega do monumento ao povo mineiro.

Acompanhavam ainda o chefe do governo os srs. dr. Bias Fortes, secretario da Segurança e Assistencia Publica; dr. Gudesteu Pires, secretario das Finanças; dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da Agricultura, e dr. Abilio Machado, director da Imprensa Official.

O chefe do Estado foi recebido, pela massa de povo que enchia a praça da Republica, com as mais entusiasticas demonstrações de apreço, descendo s. exc. do automovel debaixo de calorosa salva de palmas e ao som do Hymno Nacional, executado por uma banda da Força Publica.

Dirigindo-se para o monumento, s. exc. convidou a decerrarem com elle a cortina que velava a herma de Affonso Arinos os srs. deputado Afranio de Mello Franco e professor Mendes Pimentel, o que foi feito debaixo de prolongadas salvas de palmas da multidão.

Descoberto o monumento, tomou a palavra o sr. dr. Christiano Machado, prefeito da Capital, que, fazendo entrega do mesmo ao povo do Estado de Minas, pronunciou, por entre repetidos applausos da assistencia, o scintillante discurso abaixo, concluindo sob novas e redobradas demonstrações de applauso do povo:

O DISCURSO DO PREFEITO DE BELLO HORIZONTE

Meus senhores,

Curvemo-nos agradecidos deante da memoria immortal de Affonso Arinos.

O fidalgo elegante que hontem admiravamos no fastigio de uma intelligencia alliciadora, nos encantos de uma belleza masculina, no enternecimento de um coração compassivo e bom, a passear a sua figura dominadora pelos salões da aristocracia cultural de nossa terra ou pela sociedade de nossos sertões, onde ia sempre encontrar a resonancia do desassocego virgem do hinterland mineiro, esplende como um florão de orgulho de uma estirpe illustre e como magnifico patrimonio da grande familia nossa.

Somos-lhe, por tudo, agradecidos. E si Bello Horizonte é uma incontestavel expressão da civilização mineira, a mais forte, a mais surpreendente dellas, justo seria que, em um de seus jardins acolhedores, fizesse o governo levantar, como homenagem de Minas a seu filho querido, este marco de reconhecimento que tem a força eterna da saudade.

Com o «cantor mudo da vida primitiva dos sertões», a effigie que evoca uma força incoercivel de nossos tempos, de que foi elle inegualavel representação; com «o poeta dos desertos» ou a palmeira solitaria, o encantamento do cerebro admiravel que toda a intellectualidade

nacional envolvia no hallo da mais perfeita consagração; com o tumulto de coisas que o problema sertanejo desperta e envolve, a irradiação luminosa de um cerebro onde, em toda parte, nos meios caboclos que o solicitavam, ou nas rodas em que se respira, no velho mundo, a ambiençia das letras e das artes, palpitava a intelligencia e a força moça do Brasil acorrentadas pelo determinismo a cuja contingencia não podiamos escapar.

Com o burity, Affonso Arinos... Eu me felicito pela o portunidade de, em nome do sr. presidente Antonio Carlos, entregar à cidade ou a Minas, este monumento à memoria de um de seus filhos que mais dignificaram a nossa terra, e dou a palavra ao sr. academico Mario Mattos para proferir o discurso official."

A oração do deputado Mario Mattos, que a multidão ouviu, logo após, pronunciada em nome da Academia Mineira de Letras, é, como abaixo se verá, uma peça de notavel merito literario, nella se percebendo scintillações impressionantes de um bello e extraordinario espirito de artista do pensamento.

E, talvez, o mais completo e brilhante estudo da claridade humana que envolvia de luz maior a figura do autor de "Pelo Sertão".

O DISCURSO DO ACADEMICO MARIO MATTOS

"A existencia de Affonso Arinos apresenta-nos uma das expansões mais suggestivas da força centripeta da terra brasileira.

Quem não fixar minuciosa attenção no rythmo constante de sua direcção unitaria, ha de perder-se, por certo, em face dos aspectos exteriores e aparentemente contradictorios, que sua actividade automatica desenvolvia, em viagens, em palestra, em mudanças de domicilio e nessa instabilidade, que se tornava insolita no meio da gente sedentaria e monosyllabica de Minas Geraes. Entretanto, toda essa até certo ponto enganadora dispersão provinha da ansia de unidade que lhe movia o espirito eminentemente architetonico e centralista.

Nascido no coração de um Estado mediterraneo, que é a mais brasileira das unidades do Brasil, a influencia conformadora do ambiente rural assignalou, em sua individualidade, na primeira mocidade, o predomínio ostensivo do coração sobre o espirito. E nesta influencia do meio, convem fazer sobresahir, precipuamente, a, de sua mãe, d. Anna de Mello Franco, que era, no dizer de Amoroso Costa, admiravel espirito de matrona, dessas que resumem e transmittem todas as virtudes de uma raça.

E' devido à conquista da terra que a obra literaria de Affonso Arinos compendia, peculicamente, a feição mais typica e sentimental de amor à Patria, isto é, o sertanismo...

O sentido evolutivo de nossa independencia intellectual se processou, conforme certamente accentua um crítico, do americanismo para o brasileirismo e deste para o sertanismo.

Mas em todos esses movimentos literarios havia muito proposito de reacção á influencia absorvente de Portugal.

E' talvez por isso, por essa eiva politica, que muitas obras e com ellas seus auctores sossobraram, pelo artificio, deante da indifferença ou do esquecimento nacional.

E' que careciam do calor da sinceridade, do humus nativo, do orvalho da sentimentalidade patria, desse timbre particular, que logo separa, aos nossos ouvidos, especificos, a nota intima e differencial...

Além desses traços consubstanciaes, vitalizadores da obra e actividade de Arinos, humanizou-a, tambem, aquillo a que chamarei as suas forças universaes

Effectivamente.

De onde dimana, contrastando com todas as de seu genero, o poder irradiador da obra de Alfonso Arinos?!

Não é só dos caracteristicos que acabo de nomear succintamente. Não.

Não é, tambem, unicamente, como querem alguns, do estylo harmonioso, feliz e virtual.

Seu poder de diffusão no tempo e no espaço reside no facto de que o escriptor mineiro soube ligar a humanidade á creação litteraria.

O artista que não possui, se não essa faculdade, pelo menos o sentido della, constróe obra perecível e contingente.

E ahí está, senhores, mais uma prova do unitarismo de sua actividade mental.

De facto, ao par dos signaes autoctonicos dos homens e das paisagens que apparecem nos trabalhos de Arinos, sentimos seu estylo universal, a saber, sua humanidade, sua aspiração ou desejo de eternizar-se.

Assim, quando descreve a mais insulada das plantas existentes no mundo, insulada por ser nossa e tambem por ser planta de nossos desertos, o burity perdido, Alfonso Arinos, com a imaginação, que pertencia ao Universo, mas com a sentimentalidade, que era brasileira, colloca-o, depois de accentuar-lhe a dor solitaria, em meio dos homens, no tumulto das cidades effervescentes.

Vêde as duas notas antagonicas : a cor localista e a finalidade universal :

«Si algum dia a civilização ganhar essa paragem longinqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de soco, velho Burity Perdido.

Então, como os hopletos, athenienses captivos em Syracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores á narração das proprias desgraças nos versos sublimes de Euripedes, tu impedirás,

poeta dos desertos, a propria destruição, comprando teu direito á vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem communicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primévas, uma alma que tenhas movido ao amor e á poesia, não permittindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento ás gerações extinctas, uma pagina sempre aberta de um poema que não foi escripto, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra».

Em seus contos, ferem-nos a observação os mesmos aspectos humanos.

Realmente, ao compasso de authenticos sertanejos pelo modo da linguagem, pelos habitos, pelo genero de vida, pelo typo, pela actividade e pela affeição á terra, os seres barbaros que nelles vivem possuem, através dos episodios da narrativa, sentimentos universaes, isto é, sentimentos que definem e unificam, sentimentalmente, os homens em todos os recantos da terra; é a *coragem* do Flor e do Paschoal; a admiração pelo heroismo alheio no Pedro Barqueiro, em contraste com seu proprio destemor; é o sentimento de amizade paternal em Joaquim Mironga; é a tragedia silenciosa da affeição sopitada em a novella do Manoel Lucio; é o amor e o ciume, com a furia shakspeareana na *Estereira*; é o medo invencível de Benedicto Pires no conto admiravel da *Garupa*; é a superstição que enrolava, no rancho, os tropeiros do *Assombramento*; é a religiosidade fundamental e ezoterica, que os guia a todos elles; é o amor da musica, vocação cosmica, que transfigura todos os seus typos em aédos do sertão; é o desejo de espan-tar o semelhante, que persevera, mysterioso, na vaidade de todos os homens e de todas as raças do mundo!

Aquece-lhe tambem as paginas cheias de doçura a bondade na sua expressão mais unificadora do ponto de vista social, que é a piedade.

Vêde o carinho piedoso com que fala das cousas vetustas e das tremulas velhinhas de nosso sertão!

Attentae na humilde piedade com que descreve as florinhas rasteiras, mas cheirosas no campo, chamando-nos a curiosidade para sua existencia esquecida e seu perfume agreste!

Reparae que esses sentimentos todos não são o apanagio exclusivo do homem brasileiro, mas sim de toda alma sensível, de todo o coração bem formado...

O exito sempre crescente de seus contos e de suas descrições corre por conta desse character de universalidade, augmentado, como por condimento saboroso, pelo calor e a seiva da terra virgem!

O proprio estylo de Alfonso Arinos, si transpira o torneio e o modo syntactico de falar de nosso povo, trae a fluencia crystallina e o andamento gracioso das obras de civilização requintada.

Não ha exaggeros dialectaes, mas sim passagens e episodios typicos que, moral e pittorescamente, focalizam o sertanejo.

Sua obra não apresenta os communs defeitos objectivos dos escriptores regionalistas. E' que lhe interessavam, sobremaneira, a substancia e a força subterranea, e eis por que não ha, em sua linguagem, nem artificio, nem desperdicio de adjectivação especiosa.

Era um estylo sem esforço apparente, um doce gorgulhar de fonte espontanea, mas crystallina e filtrada.

Empolvava-o por vezes a arrancada romantica, mas no tom natural não se lhe vislumbrava nunca o labor assimilativo e a paciencia literaria.

Affonso Arinos era uma intelligencia naturalmente ática potencializada por um temperamento planturoso!

Eis, pois, o rumo, o rythmo de seu espirito, individuado pela indole, pelo temperamento: foi do localismo ao sertanismo, deste ao brasileirismo e deste ultimo ainda ao universalismo.

Realizou um bandeirismo ás avessas.

Como se explica, porém, porque, não sendo elle um inquieto, na significação artistica do qualificativo, viveu uma vida nomade, erratica, tocada de movimento?

E' o destino do homem intellectual na America.

Foi a explicação de tal phenomeno dada por Joaquim Nabuco em pagina bastante divulgada. E' a attracção transoceanica, que preside ao destino dos homens de cultura nascidos no Brasil.

E' a attracção, diz elle, de affinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em nós, da nossa commum origem européa. A instabilidade a que me refiro provém de que, na America, falta á paisagem, á vida, ao horizonte, á architectura, a tudo que nos cerca, o fundo historico, a perspectiva humana; e que, na Europa, nos falta a Patria, isto é, a fórma em que cada um de nós foi vazado ao nascer.

De um lado do mar, sente-se a ausencia do mundo; do outro, a ausencia do paiz.

O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação, européa.

Esse amor da viagem e da movimentação atravez do paiz e do mundo era, em Arinos, a séde de aspectos historicos, o interesse da perspectiva humana, a ansia de horizontes illustres, era o anseio do homem pelo drama humano, era esse desejo pelo desconhecido, que nos torna errantes na superficie da terra.

A Natureza é inimiga da superfluidade: um escriptor disse muito bem que Affonso Arinos possuia, com a resistencia physica, pernas robustas de andarilho.

Era elle, aliás, descendente de homens viageiros, muitos dos quaes palmilhavam o mundo indefinidamente...

A meu ver, esse espirito vagabundeante é, de alguma sorte, uma expressão de patriotismo na America. Já Emerson affirmava que atravessamos o Atlantico para nos americanizarmos.

Em nossa patria, temos um exemplo illustrativo a este respeito: é Nabuco. Apagou-se-lhe a visceral antipathia pelos Estados Unidos, durante a estada em Londres. Fel-o a Europa mais patriota. E, como se sabe, foi elle quem conquistou o espirito politicamente europeu de Rio Branco para a finalidade americanista do Brasil.

Acredito que Affonso Arinos e Eduardo Prado se houvessem reconciliado com a grande nação do continente.

Aliás, o discurso de Arinos, na recepção da Academia, resumbra americanismo, com espanto de Bilac, que o recebia então.

O que é verdade é que as frequentes viagens á Europa aguçaram-lhe e esclareceram-lhe o amor da Patria.

Falsa é a impressão de cosmopolitismo que os homens de sua feição espalham entre nativistas superficiaes.

Si ha um estado de alma particular, traduzido pela palavra saudade, só a conhece, na sua expressão mais augustosa, quem um dia já viu apagar-se do seio do oceano, ao alto dos céos, a imagem fugitiva e esmaecente do Cruzeiro do Sul...

No autor do *Assombramento*, não era exclusivamente o interesse humano que o levava além:—era o espirito aventureiro, que no nosso meio se chama bandeirismo, e que é uma qualidade avita de nossa raça.

Affonso Arinos, quando estava quieto, vivia, como se disse, debruçado sobre velhos mappas, roteiros pulverulentos, cartas enigmaticas a marcarem, no dorso accidentado da terra, pelos rios e pelas estradas, o rumo incerto e ansioso dos homens na busca da riqueza ou da felicidade...

O habito de viajar é um estado de alma. Ha um *ahisverismo* na humanidade, graças ao qual sempre encontramos um homem no recanto mais inhospito e esquecido do Universo.

Parece tambem que a polaridade de nossa origem sempre nos chama com uma voz mysteriosa.

Esta é a razão por que os europeus viajam para o Oriente, como foi o caso de Ernesto Renan, Eça de Queiros, Theophilo Gauthier, Gustavo Flaubert, Chateaubriand e Baudelaire.

De alguma parte é o instincto de sociabilidade, em virtude do qual o homem, como assegura o proverbio arabe, não deixa brotar e crescer a herva no caminho que se alonga da sua á morada de seu amigo...

No Brasil, esta impressionante migração em nosso territorio é um dos factores do desenvolvimento do patriotismo e da economia nacional. A Amazonia é, em parte, o trabalho dos nordestinos.

O homem que permanece, no Brasil, encaramujado no seu canto corre fortuna de perder o contacto com a alma e com os interesses da Patria.

Não temos atmospheria nacional, mas, sim, ambientes locais. Devemos desenvolver em nós o instincto do ar livre.

Pensei sempre, senhores, que os brasileiros pertencentes á familia de espiritos de Affonso Arinos, Joaquim Nabuco, Rio Branco, Eduardo Prado, Taunay e Domicio da Gama, para só indicar os mortos, são os melhores e mais altos patriotas no Brasil.

Um desses, Taunay, apesar de descendente de gaulezes, realizou, pela penna e pela acção, uma obra de patriotismo insuperavel.

Combateu no Paraguay; mais do que isto; praticou esse imperecível acto de patriotismo:—escreveu a *Innocencia!*

Em o scenario nacional, elles avultam por um conjuncto harmonioso de qualidades, por uma serenidade de maneiras e de linguagem, por uma coherencia de idéas e de actos, por uma finalidade de ideaes e por um desinteresse politico que os tornam homens moral e politicamente superiores no nosso meio.

São homens elegantes, na intelligencia cezariana da palavra.

A elegancia de Cesar quer um sociologo seja a harmonia dos meios com os fins. Elegancia é, senhores, com a harmonia do physico, unidade moral, unidade intellectual, unidade sentimental. E' uma dominante e crescente impressão de harmonia, adoçada por um dado de romantismo...

De que o espirito de unidade o coordenou a existencia de todo esse grupo, no ambiente tumultuario do paiz temos a prova na semelhança impressionante que uns guardam com os outros. E nessa consemelhança o sentimento dynamico é o patriotismo.

Todos elles, ao fim da vida, só guardaram da Europa o que pertence á humanidade, isto é, a religião e as letras. Nabuco confessou-o commovidamente.

Commovida e um pouco contradictoriamente:—“Na mocidade, adianta elle, fui um erratico, como o proprio Imperador acabou na velhice..

Quando, porém, vi que a imaginação podia quebrar a estreita forma em que estavam a cozer ao sol tropical meus pequenos debuxos de almas, *ustedes me entienden*, deixei na Europa, a historia, a arte, guardando do que é universal só a religião e as letras.”

Tambem Arinos, quando partiu na ultima viagem, já se determinára a residir no Brasil.

Brotara nelle a prevenção e o aborrecimento do oceano, a cujo genio hostile fez referencias supersticiosas.

E' que, á medida que vae envelhecendo, como acontece aos outros, a Patria, que sempre lhe foi a melhor afeição, lhe domina, de todo em todo, a intelligencia.

E' o que poderemos chamar o refluxo da lei de Nabuco:—a Europa nos conquista o espirito, mas nós o reconquistamos pelas desillusões intellectuaes. Não é sem razão que somos o “Mundo Novo”...

E' o centripetismo da terra brasileira, de que vos falei no começo.

Por elle se explica por que Taunay nunca teve a attracção européa tão exigente como seus affins: seus ascendentes mais proximos corre-

ram para o Brasil tangidos pela desillusão e pelas perseguições politicas.

Certamente, em seu lar, ouviu, de pequeno, as queixas e os pezares. Trazia no sangue a experiencia. Era mais brasileiro, porque era mais experimentalmente europeu...

Confessou e provou que só podia residir no Brasil. Ainda mais: como frizei, teve os traços culminantes do patriota, isto é, deu a seu paiz o sangue, o espirito e o coração. Defendeu, exaltou e amou a Patria Brasileira.

Essa attracção ezoterica do novo mundo indica o caminho da humanidade. Todos quantos hajam colhido, em outras partes, a amargura e o infortunio, aqui os vêm esquecer. Somos a terra sem passado, mas somos o paiz do futuro.

Quantos estrangeiros, como o dr. Lund, ou o ermitão do Caraça, de quem escreve Arinos, aqui plantaram a tenda para nunca mais transporem o Atlantico!

Somos, mais ou menos, a patria de todo o homem que traz uma esperanza ou carrega um infortunio!

A terra é hospitaleira, consoladora e fecunda...

Os brasileiros como Arinos são mais entusiasticamente patriotas, porque conheceram, pela experiencia pessoal, essa doce e empolgante verdade.

Sentem que, mesmo que não fossem brasileiros, talvez elegeriam este paiz como patria.

Milagrosa terra, onde o sangue humano só se derramou por amor da liberdade; terra onde a propria escravidão nos apresenta a face das pretas velhas serem as mães pretas das senhorinhas de outr'ora; terra que emprestou nova seiva á bondade dos homens!

Terra milagrosa!

E tão irresistivel que, mais que as nossas armas, é ella, pelo poder assimilador, nossa invulneravel defesa.

São utopicos os sociologos que pregam, como Sylvio Romero, o perigo germanico, ou o perigo yankee ou o perigo asiatico! A grandeza magestosa e a fecundidade inexaurivel da terra esmaga e nivella todas as energias incoherentes...

Por isso, venho accentuando o caracter dominante, em todas as actividades de Arinos, do sentimento patriotico.

Quando discorre sobre a vida dos tropeiros, elle as liga, como faz em todos os assumptos, á terra commum.

Relembra que foram elles que firmaram e desenvolveram o intercambio interno da Nação, trabalhando, dessarte, pela vitalidade economica e unida do Brasil.

Ouvi essas palavras:—o que dizem Buffon e Quatrefages, em relação as caravanas de camelos, sem os quaes seriam inhabitaveis

muitas regiões do globo e impossíveis a aproximação entre povos separados por oceanos de areia, nós podemos dizer em relação às tropas no Brasil».

As entradas plantaram povoações, mas os caminhos foram abertos e conservados pelos tropeiros.

«Foi então, diz Arinos, que surgiu a tropa, com sua marcha constante e tenaz de formiga, a fazer o papel de «navio do deserto», a levar para o interior as manufacturas da Europa, a trazer aos portos os productos das terras distantes.

Quem salvou a obra epica, mas ephemera, do bandeirante, foi o trabalho modesto e paciente do tropeiro».

E nem só na actividade, mas, sim, no coração de seus sertanejos gostava de descobrir e encarecer o espirito de unidade nacional.

Quem leu seus livros sabe que esses episodios são nelles encontrados.

Abramos ao acaso uma pagina.

Os tropeiros estão descansando, á tarde, no rancho. Ouvi: «As estrellas em divina faceirice furtavam o brilho ás miradas dos tropeiros, que, tomados de languor, banzavam; estirados nas coronas; apoiadas as cabeças nos serigotés, com o rosto voltado para o céu.

Um dos tocadores, rapagão do Ceará, pegou a tirar uma cantiga. E pouco a pouco, todos aquelles homens errantes, filhos dos pontos mais afastados desta grande patria, suffocados pelas mesmas saudades, unificados no mesmo sentimento de amor á independencia, irmanados nas alegrias e nas dores da vida commum, responderam em côro, cantando o estribilho...»

Arinos, patrioticamente, lamentou que ainda, em homenagem aos tropeiros, «communicativos e civis», a gratidão nacional não houvesse erguido, na Capital da Republica, um monumento a Garcia Rodrigues, fundador do *Caminho Novo*, que ligava o interior do paiz ao Rio de Janeiro.

Caminho de tropeiros...

A obra de Arinos possui tão intimo o sentimento de patriotismo, que só não a sente, lortemente como nós, a população comopolita do litoral. E' uma literatura da terra...

A gente littoranea apresenta certa impermeabilidade a esse espirito e esse sentimento autochthonos.

Para senti-los, conforme muito bem assignala José Maria Bello, é preciso «morder, na propria arvore, o pequeno fructo, perfumado e picante, com certos labios prohibidos; aspirar, longamente, o cheiro do mel que ferve nas tachas; dormir a sesta, ao chlar monotono dos carros de bois e á musica alegre dos checheus, que cantam nas bananeiras do pomar; é preciso ter ido esperar, na meia luz da madrugada, com a espingarda, o isqueiro e o cão, em certo trecho da matta orvalhada, a paca que desce para o bebedeiro».

Em synthese, é preciso ser brasileiro!

Essa identidade é tão continua, que Arinos pertence ao numero dos intellectuaes, cuja personalidade se acha indestructivelmente ligada á obra.

Do mineiro tinha a simplicidade do trato e o amor dos humildes, o habito larario de contar historias, a bondade egual e o culto severo da amizade, a tendencia melancolica, que até no canto de nossos passaros se sente, a ingenuidade campesina, sim, porque nós, mineiros, pagamos sempre tributo á ingenuidade, mesmo quando a simulamos; esse espirito economico, na lata expressão da palavra, que nos synthetiza o periodo, desatavia-nos o estylo e nos aguça o senso da propriedade e do ridicuo. A forma social desse espirito é a timidez; o fundamento é a dignidade e o pudor!

Até o mesmo character fragmentario de sua obra, como a relativa escassez, não é tanto devido á sua instabilidade viajeira, como pondéra Tristão de Athayde, mas sim, em parte, a um defeito mineiro e a uma vocação ancestral, isto é, devido ao excessivo amor da independencia e á ociosidade illustre, que é uma indolencia voluptuosa.

E essas duas inclinações, opina Eduardo Frieiro, que é o Machado de Assis de Minas Geraes, essas duas inclinações são inimigas da perfeição.

«Cercearam-lhe o capacidade productiva.

Não nos devemos esquecer, por outro lado, que os artistas qualitativos peccam pela quantidade. A perfeição é pouca numerosa.

Em suas obras profundas, como o diamante, é a Natureza occulta e morosa. Em cem annos, o lotus floresce uma vez só...

As produções literarias de Affonso Arinos que tinham o tise da pressa sempre foram publicadas com o pseudonymo de Gil Cassio.

Devo notar tambem, em todos os seus livros, a completa ausencia de ironia, transusão de sua bondade mineira em alguma sorte e, por outra parte, oriunda da tranquillidade e segurança da formação moral.

A ironia é um mimetismo, isto é, uma covardia mental, pois disfarça o ardor combativo. Nos homens bons e nos homens fortes, não veremos a ironia. Affonso Arinos foi um forte e foi um bom!

Por essas razões é que sua pessoa e suas paginas egualmente encantavam. E tambem por ser uma figura de elite,

Que é o homem de elite?

E' o que reúne e harmoniza a maior quantidade possivel de attributos superiores, a saber, o homem unitario.

Affonso Arinos possuía ancestralidade fidalga.

Seu typo physico a deixa transparecer.

Os luzitanos ruraes, dedicados á pequena agricultura, modestos, laboriosos e humildes que vieram, primitivamente, para o Brasil eram morenos, baixos de estatura e mediocres de intelligencia.

Os que pertenciam a raças aventureiras, requintados e idealistas, eram altos, robustos, alourados. Denunciavam-se aptos para o mando

Arinos descendia dessa estirpe. Tinha imponente figura meio alourada.

Foi sempre sensível aos aspectos aristocraticos da vida, apesar de sua comunicabilidade facil.

Grande foi seu poder de seducção. E este, para empregar expressão popular, estava-lhe *na massa do sangue...*

Podemos dizer, portanto, que teve elle equal estylo na vida e na arte, e é mais um exemplo de seu espirito de unidade.

E a radiosa expressão desse espirito vemol-a amplamente desdobrada no aspecto politico da actividade de Arinos.

Antes de morrer, pronunciou, nesta cidade, uma notavel conferencia, que é um programma de patriotismo.

Sem duvida, foi, como seus affins, inapto organicamente para a politica como em geral se pratica.

Não lhe despertava sympathia essa lucta esteril de egoismo, de interesses pessoaes e de paixões facciosas, através da qual, em regra, o brasileiro realiza a sua carreira politica.

Não o tentava essa amarga escola de pessimismo, desalento e desillusões.

Tal lucta leva os homens a se conhecerem uns aos outros pelos peores aspectos. Não os une, divide-os.

Para tal politica, conforme affirma um ensaista, tornava-o inapto a «incompressibilidade de seu interesse humano»...

Politico, domina-o por completo a sinceridade: — foi um historiadore, isto é, um tradicionalista, um homem que estudava a actividade constructiva de seus semelhantes em beneficio da Patria.

Quando se proclamou a Republica, espalhando-se por todo o territorio nacional uma impressão de esphacellamento e anarchia, Affonso Arinos, mais uma vez, deu uma demonstração de seu patriotismo: foi monarchista, unitario, architectonico. Animava-o o desinteresse da sinceridade.

Mas o sentido culminante de seu espirito politico é a crença.

Affonso Arinos, cedendo á sede de unidade que lhe presidiu ao destino, era catholico.

Deixou-se empolgar pelo maior phenomeno social do occidente, encarado pelo seu aspecto humano de imponencia architectonica e de construcção hierarchica.

Eis ahi sua alma de Cruzado! E esse unitarismo, cuja suprema finalidade é Deus, inteiramente explica por que, tendo sido um agitado, nunca foi, subjectivamente, um inquieto...

Todos esses homens affins souberam sempre o seu caminho na vida. Em grande parte, seduziram por isso mesmo, isto é, porque foram serenos, tranquilllos e felizes...

São um exemplo e uma lição!

E todos nós, cultos ou incultos, sabemos julgal-os ou pelo espirito ou pelo coração.

Uma só palavra resume esse milagre: sinceridade!

Para dar mais uma prova da de Arinos, ahi está a adoração de seus amigos, que jámais o esqueceram.

Para documentar a de sua arte, que alguns criticos ligeiros acham postica, basta citar o caso fixado pelo melhor de seus biographos, e é um episodio pittoresco!

Lendo Arinos, certa vez, um de seus contos aos tropeiros, no rancho, um delles, interrompendo-lhe a leitura, exclamou:

— *Uai, é nos mêmo que tá falano.*

Definitivo, esse julgamento!

Por todos esses motivos e por outros que delles decorrem ou se desdobram, o governo de Minas, assentando essa homenagem de caracter perpetuo, praticou um acto commovente, patriotico e humano.

Todos os que aqui nos achamos, neste momento religioso, estamos irmanados por um sentimento profundo, que sempre pacificou, uniu e engrandeceu os homens na terra: o amor da Patria!

Senhores! por meu intermedio, a Academia Mineira de Letras, cujo interprete sou nesta solemnidade, louva e tambem agradece ao sr. Presidente Antonio Carlos e ao sr. prefeito Christiano Machado o acto de justiça civica desta homenagem á memoria de Affonso Arinos, esse mineiro illustre, que foi um grande cidadão do Brasil e um harmonioso homem do mundo»...

A oração do academico Mario Mattos recebeu quentes e demorados applausos da multidão.

Ao retirar-se da Praça da Republica, finda a solemnidade, foi o sr. presidente Antonio Carlos novamente saudado pelo povo com acclamações e vibrantes salvas de palmas.

O monumento de Affonso Arinos, levantado no canteiro central do jard'm da praça da Republica, é uma bella e bem inspirada obra de arte feita num grande bloco de granito e devida ao talento do escultor Celso Antonio.

No cimo da columna central, destaca-se, em baixo relevo, um medalhão no qual é reproduzida a physionomia forte e clara do immortal escriptor, vendo-se de lado, um burity, a solitaria palmeira que Affonso Arinos tanto amou, e que lhe deu, no calor de sua imaginação radiosa, a inspiração suprema da mais bella e impressionante pagina descriptiva.

—O deputado Raul de Faria enviou do Rio de Janeiro, para ornamentar a base do monumento, varias cestas de flores naturaes,

(Do *Minas Geraes*, de 2 de agosto de 1929).